
Licenciatura em Educação Física

Sérgio Carneiro Junior

**O CORPO DO “MALANDRO”:
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES
ENTRE CULTURA E PROCESSOS DE
SUBJETIVAÇÃO**

A large, abstract geometric pattern composed of various shades of blue and white triangles and polygons, creating a complex, crystalline structure that fills the lower half of the page.

Rio Claro
ano

SÉRGIO CARNEIRO JUNIOR

O CORPO DO “MALANDRO”:
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
CULTURA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.

Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio
Claro, para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física

Rio Claro
2010

793.3 Carneiro, Sérgio
C289c O corpo do "malandro" : um estudo sobre as relações entre cultura e
processos de subjetivação / Sérgio Carneiro. - Rio Claro : [s.n.], 2010
35 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias

1. Dança. 2. Malandragem. 3. Samba. 4. Sociologia. 6. Subjetividade.
I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedicatória:

“Dedico este trabalho aos meus
pais, ao meu orientador, à dança, ao
samba e à malandragem.”

Agradecimentos:

Não tenho medidas para expressar o amor e o quão sou grato aos meus pais Rosilene e Sérgio, o qual me orgulha herdar o nome; de veras devo minha vida à vocês. Agradeço aos meus familiares que me acompanharam desde o início da graduação; aos avós, tios e primos, enfim, “Carneiros e Lavouras”

Com certeza agradeço a todos meus professores de graduação, porém, em especial o meu orientador, grande professor, mestre, doutor e amigo, Romualdo, que sem dúvida se não fosse por ele, Max passaria não despercebido, porém não com todo o prestígio que esse personagem merece ser representado, ou, no meu caso, vivido e corporificado em estudo. Muito obrigado mesmo! Aprendi que o devir é necessário e que planejar, às vezes, desnecessário.

Muito obrigado família da “Rep. Tudo-Nosso” e todos que passaram por ela, em especial: Rick, Emil, Brutus, Renato, Chorão e Alemão; ao Japa da kit, e a todos meus companheiros de sala, a qual fiz amigos que levarei para toda a vida. Valeu LEF!

Obrigado também Cia. Éxciton, com vocês aprendi que sozinho não se vai a lugar algum, dançamos, juntos em “bolinho”, espalhados, alegres, brigados, jazz, clássico, gafieira, com luz, na luz negra, hoje aqui, amanhã ali, e no fim do ano lá; mas dançar com vocês foi e ainda é uma honra. Obrigado a Prof. Dra. Cátia Mary, ao meu irmão Garuffi, Pôla, Maria, Ellen, Morilla, Jaque, enfim, todos mesmo.

Agradeço também a antigos amigos como a Prof. Dra. Marili Bassini e meu mestre de Kung-Fu, José Carlos Barbosa, grande mentor e amigo que definitivamente, entre outros segredos, me ensinou que o topo podium é um ótimo lugar, mas que às vezes, mesmo treinando absurdamente não é possível conquistá-lo; e que também isso não se relaciona em nada com o termo “desistência”.

O corpo do “malandro”:

Um estudo sobre as relações entre cultura e processos de subjetivação

Aluno: Sérgio Carneiro Júnior

Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias UNESP – Campus de Rio Claro – SP.

Resumo

Nesta pesquisa estudamos as relações entre cultura e processos de subjetivação a partir da identificação das marcas da chamada cultura da malandragem tal como se expressa por meio da sensibilidade de uma obra de arte. Cartografamos na peça teatral “A ópera do malandro”, de Chico Buarque de Holanda, as marcas do movimento do corpo do malandro que nos permitem identificar a constituição de um princípio ético e de uma escolha estética ao transitar nas fronteiras da marginalidade e da legalidade estabelecidas no interior da cultura brasileira. Estudamos o “corpo” e o “movimento” em uma dimensão política situados na cultura. Para isso assumimos a concepção de cultura como um campo de materialidade configurada por forças em permanente tensão. Investigamos na “Ópera do Malandro” as configurações da subjetividade observando um corpo que aprende a dançar para “não dançar na vida”.

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1: “A Ópera do Malandro de Chico Buarque”	13
Capítulo 2: “A Cultura da Malandragem”	16
Capítulo 3: “O Corpo do Malandro	18
Conclusões e Discussões.....	26
Bibliografia	29

Introdução

O grupo de arte e expressão iniciou suas atividades em março de 1994, vinculado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, tendo como suporte o Curso de Educação Física. Logo depois recebeu o nome “Cia Éxciton”, éxciton que, em Física, significa “um semicondutor, par formado por um elétron e por um buraco, e por meio do qual é possível haver transporte de carga elétrica”. Os integrantes são estudantes da universidade, alguns com experiência em dança, outros em teatro e outros em técnicas esportivas.

Esta companhia tem como objetivo integrar e aproveitar cada uma dessas linguagens, trabalhando-as de forma a possibilitar a participação de todos na confecção de espetáculos e de aulas oriundas de diversos estilos: jazz, ballet, sapateado, contemporâneo, dentre outras que a comunidade pode usufruir. O resultado é uma experiência variada, multidisciplinar e rica.

Em todo ano, no início do segundo semestre, define-se um tema, uma diretriz suficiente para inspirar um novo espetáculo. No ano de 2008 foi aprovada a proposta de criar um espetáculo a partir de uma obra do artista Chico Buarque de Holanda: “A Ópera do Malandro”. Depois de diversas discussões por meio de votações, definimos a “malandragem” como nosso próximo desafio artístico.

A obra “A Ópera do Malandro” de 1978, retrata o denominado submundo social carioca acerca dos anos 30, período pós “NYCrush29”. Inspirada na “Ópera dos Três Vinténs” de Bertold Brecht, Chico Buarque utiliza da figura de prostitutas, de malandros, da polícia e de empresários que estavam presenciando a modernização do Brasil; a necessidade fabril que a I Guerra Mundial demandava com urgência, a indústria que emerge da necessidade e, por isso, sem estrutura. O “American way of life” instalado em território nacional, tomado por ideais de Getúlio Vargas e suas estratégias do Estado Novo.

Como bailarino integrante desta companhia, assumi o personagem do “Malandro”. Ao interpretar Max Overseas (o malandro propriamente dito) passamos a admirar ainda mais esta obra nacional, o que nos motivou a continuar nossos estudos sobre a “malandragem” situada em um plano de

investigação que articule a cultura com os processos de subjetivação. A vivência do dançarino incorporado no personagem criado pelo artista brasileiro está na base da formulação do tema desta pesquisa. Assim, pretendemos construir o “corpus” desta pesquisa que nos possibilite analisar o corpo em trânsito nas mais diversas fronteiras “cartografadas” no território da cultura brasileira. Uma das fronteiras por nós priorizada será esta que se configura no campo denominado de marginalidade. identificamos as marcas da potência das margens em uma relação dinâmica entre o corpo e os processos de subjetivação na sociedade brasileira, situada em tempos de vida extremamente precária.

O corpo e a motricidade humana podem ser estudados em seus aspectos políticos. Nosso interesse se situa neste campo de possibilidade como um recurso para a nossa formação profissional e acadêmica. Mesmo no nível de uma pesquisa de iniciação científica queremos iniciar os estudos sobre “corpo” e “movimento” em uma abordagem que considere suas implicações com o poder. Nós já experimentávamos um mal-estar no ambiente acadêmico quando sentimos os limites da uma abordagem estritamente biológica impostos por uma organização curricular de nosso Curso de Licenciatura em Educação Física, no Instituto de Biociências, da Unesp – Campus de Rio Claro. Valorizamos sim a importância do domínio do conhecimento científico sobre o corpo e sobre a motricidade humana tal como ocorre nos estudos da Anatomia e da Fisiologia. Mas, o nosso desejo se estende um pouco além destas abordagens e por isso desenvolvemos esta pesquisa.

A nossa formação acadêmica se complementa com a participação em um Projeto de Extensão que é uma Companhia de Dança. O fato desta equipe ter escolhido a obra de um artista brasileiro para compor seu novo repertório nos incitou a pensar na possibilidade de estudar os aspectos políticos implicados no “corpo” e na “motricidade humana” a partir do contato com a sensibilidade do Chico Buarque de Holanda. Entendemos que a “Ópera do Malandro” pode compor o nosso *corpus* de estudo por ser um texto no qual observamos as marcas desta sensibilidade que capta na cultura brasileira as múltiplas possibilidades de resistência em escolhas éticas, estéticas e políticas. Participamos desta Companhia de Dança assumindo

justamente o personagem do “malandro”. Isto contribuiu para instigar em nós a condição de estudar um tema de tal modo que o nosso próprio corpo esteja aí implicado. Este aspecto nos desafia a alterar nossa metodologia de estudo.

Após iniciarmos esta nossa vivência de dançarino na “Ópera do Malandro” entramos em contato com os resultados das pesquisas da Professora Tânia Maia Barcelos que vem estudando desde longa data as relações entre samba e processos de subjetivação na sociedade brasileira. Em um bate-papo cultura promovido pela Secretaria da Cultura de Rio Claro, na semana do carnaval de 2009, a Professora Tânia apresentou uma síntese de suas pesquisas. Nesta ocasião prestamos maior atenção na seguinte afirmação:

“A malandragem que me interessa, aqui, não é aquela da esperteza de passar a perna no outro e ficar descolado para adaptar ao novo com mais facilidade. A malandragem que me interessa é a estratégia de recusa ao que sufoca e engessa. Estratégia de driblar o que captura e padroniza, seja no mundo tradicional, seja na atualidade. Essa malandragem não se parece com o “estilo malandro” que tem flexibilidade para adaptar ao mercado ou ao sistema com mais ginga e jogo de cintura.” (Tânia Maia Barcelos)

Encontramos neste estudo de Tânia Maia Barcelos a linguagem de que precisávamos para a formulação de nossas inquietações nestas condições de “agenciar” com um arcabouço teórico suficientemente consistente para estudarmos o “corpo” e a “motricidade humana” nas suas relações com os processos de subjetivação em um contexto social no qual a vida se encontra seriamente maltratada pelas condições materiais de existência.

Portanto, queremos cartografar na “Ópera do Malandro” as paisagens existenciais constituídas a partir das implicações do “corpo” e da “motricidade humana” com a dinâmica do poder tal como opera no contexto social, econômico e político brasileiro. Além deste estudo contribuir com a nossa formação profissional em complementação com a formação acadêmica que encontramos na Universidade poderá promover acréscimos significativos nos

estudos sobre o corpo no âmbito do Curso de Licenciatura em Educação Física.

O estudo sobre o “corpo” e a “motricidade humana” em suas implicações com a dinâmica do poder na sociedade contemporânea se dará com a leitura de quatro obras de Michel Foucault que nos permitem a compreensão das categorias “biopoder” e “biopolítica”. Dentre as obras de Michel Foucault vamos priorizar os seguintes cursos ministrados no Collège de France: “Em defesa da sociedade”, “Segurança, território, população”, “Nascimento da biopolítica” e “A hermenêutica do sujeito”. Precisamos compreender o modo como o autor forjou as categorias de “biopolítica” e “biopoder” para operarmos com estes conceitos em nossas análises do texto de Chico Buarque de Holanda.

Entendemos que o “malandro” dança em um território que lhe permite experimentar duas dimensões enquanto modos de estar na vida: a do “intensivo” que se dá nas fronteiras da alteridade, e a do “intempestivo” que ocorre nas percepções do risco do viver, estas que obrigam o sujeito a roçar a dimensão trágica da existência. Neste percurso queremos iniciar nosso estudo da obra de Friedrich Nietzsche. Com a preocupação de evitarmos dispersão selecionamos os seguintes textos: “A filosofia na idade trágica dos gregos”, “Ecce Homo: como alguém se torna o que é”; “O nascimento da tragédia” e “Além do bem e do mal”. Nosso estudo do pensamento de Nietzsche liga-se a uma necessidade específica que é esta de explicitar o aspecto intensivo dos encontros com o outro e o aspecto intempestivo da lida que o sujeito estabelece com a própria finitude.

A composição de nosso referencial teórico se completará com as categorias forjadas para o estudo do corpo em suas implicações com a dinâmica do poder. Em um campo mais amplo estamos atentos aos modos como este corpo se constitui na cultura. Em um campo mais específico observamos as relações entre o corpo e os processos de subjetivação. Nesta perspectiva faremos os estudos da obra de Gilles Deleuze, para compreender como este filósofo forjou a categoria do “corpo sem órgãos”. Selecionamos os estudos de José Gil para compreender como este autor forjou a categoria de “corpo paradoxal”. E faremos alguns estudos da obra de Suely Rolnik para compreender como esta autora forjou a categoria de “corpo vibrátil”. Com a

compreensão destas três categorias na abordagem do corpo voltaremos sobre a “Ópera do Malandro” para cartografarmos suas estratégias de sobrevivência enquanto recurso de resistência aos mecanismos de poder que obstruem a potência de vida do sujeito.

Enfim, nosso referencial teórico se constitui nesta fronteira estabelecida entre a Filosofia Política e a Psicanálise para analisarmos os processos de subjetivação na sociedade brasileira a partir das marcas expressas na sensibilidade de um artista que consegue condensar aspectos muito complexos em uma obra de arte. Estamos atentos para administrar a necessidade de delimitar o objeto de estudo. Por isso escolhemos a “Ópera do Malandro” como uma peça artística capaz de sintetizar alguns elementos de uma cultura mais ampla. Por outro lado, sentimos a necessidade de ampliar nossa compreensão teórica. Isto se faz com a leitura de obras selecionadas no campo da Filosofia e da Psicanálise.

Nosso objetivo geral do estudo foi analisar as relações entre cultura e processos de subjetivação na peça teatral “A ópera do malandro”, de Chico Buarque de Holanda.

Mas, além disso, em dimensões mais profundas, identificar as marcas que expressam as relações entre movimento corporal e processos de subjetivação em meio à cultura brasileira tal como foi captada pela sensibilidade do artista escolhido; identificar os sinais de constituição de princípios éticos; escolhas estéticas nos modos de estar na vida tal como se expressa na chamada “cultura da malandragem” e analisar as estratégias de sobrevivência em suas implicações corporais no âmbito do que foi denominado como cultura da malandragem nesta obra de arte selecionada.

Nosso projeto se insere no estudo da subjetividade e, para isso, utiliza o método cartográfico. A cartografia enquanto método de pesquisa “visa acompanhar um processo, e não representar um objeto”. (Kastrup, V.:). Pretendemos cartografar as paisagens emergentes neste território de fronteira situado na cultura, especificamente, na obra literária escolhida para a nossa análise, transitando pela fronteira entre o teatro e a música. Enquanto cartógrafos nos empenhamos em identificar as marcas e os sinais do movimento do corpo em sua reinvenção permanente de configurações para transitar pelo território urbano contemporâneo.

Adotamos alguns pressupostos para assumirmos esta posição de pesquisador cartógrafo. Primeiro, queremos deslocar de um trabalho de construção de conceitos que aposta na representação para investirmos na compreensão dos elementos que escapam às forças advindas de algum funcionamento de poder. Como já afirmamos acima, não queremos representar um objeto, e sim, acompanhar um processo de construção de significados em uma prática cultural. O segundo pressuposto consiste em situar o trabalho do desejo no campo da cultura. Compreendemos o desejo como “processo de produção de universos psicossociais. O próprio movimento de produção desses universos.” (ROLNIK: 2006.)

Como afirma Virgínia Kastrup, o método cartográfico se constitui *ad hoc*. Mesmo assim o cartógrafo sai a campo com a posse de algumas pistas para a orientação de seu trabalho. O cartógrafo quer desenhar as paisagens emergentes a partir da ação do desejo na cultura sem perder a atenção no movimento que ocorre nas suas relações com o próprio desejo. Identificamos de início, uma composição de duas linhas enquanto balizas para o pesquisador. Ele está atento à articulação entre seu trabalho específico no âmbito da epistemologia e aos efeitos que se configuram no âmbito da ontologia. O cartógrafo sabe que a produção do conceito desdobra em efeitos sobre as escolhas dos indivíduos quanto aos modos de estar na vida.

Em seu primeiro trabalho, este que se refere ao esforço investido na produção do conceito, o cartógrafo se associa a um conjunto de pensadores que já podem oferecer os recursos de estudos experimentados em outras épocas. A partir das leituras de Deleuze e Guattari, o cartógrafo desenvolve a “atenção à espreita” e a condição de diferenciar os dados que se referem à competência para escolher aqueles que indicam uma performance. De Husserl, compreende a necessidade de operar a “suspensão do regime de intencionalidade”, como a condição para se deixar afetar pelos dados advindos do território por onde transita. Da leitura de Henri Bergson o cartógrafo aprendeu o uso do “reconhecimento atento”. Da leitura de Freud, ele se aplica à “atenção flutuante”. De Varela, o cartógrafo se lança na experiência da “aprendizagem por cultivo”, e de vez em quando, se permite algumas releituras do mestre Humberto Maturana, para rever o conceito de “autopoiesis”. Com Suely Rolnik, o cartógrafo aprende a ativar seu “corpo

vibrátil” como condição para captar o movimento do desejo operando sobre um determinado território por intensidades. Com Virgínia Kastrup o cartógrafo descobre, além da necessidade de ativar uma “atenção à espreita”, como manejar o “rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento”.

Em seu segundo trabalho, este que se refere ao campo das escolhas dos modos de estar na vida, o cartógrafo quer apresentar as paisagens que revelam uma ontologia. Mesmo que o desenho das paisagens esteja atento à fluidez das figuras há que mostrar a força do entrelaçamento entre o conceito e a ação. Pois a ação se deixa orientar por uma compreensão de mundos. Deste modo o cartógrafo até se confunde um pouco com a função de geógrafo, pois expõe alguns mapas na eficácia que eles operam para a orientação das escolhas dos indivíduos em seus modos de intervenção no mundo.

Neste seu segundo trabalho o cartógrafo encontrou um forte aliado em Michel Foucault e aproveita as suas orientações sobre os modos de reativação de um “éthos filosófico”. Aqui, trata-se de efetuar um trabalho de uma crítica constante sobre o nosso ser histórico, uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos através de uma ontologia histórica de nós mesmos.

De acordo com Foucault, “a crítica vai se exercer não mais na pesquisa das estruturas formais que têm valor universal, mas como pesquisa histórica através dos acontecimentos que nos levaram a nos constituir e a nos reconhecer como sujeitos do que fazemos, pensamos, dizemos. Nesse sentido, essa crítica não é transcendental e não tem por finalidade tornar possível uma metafísica: ela é genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método”. No esforço de realização da crítica sobre os limites do que nos constitui, o cartógrafo opera como com a Arqueologia e com a Genealogia. Por meio da Arqueologia o cartógrafo “não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível; mas tratar tanto os discursos que articulam o que pensamos, dizemos e fazemos com os acontecimentos históricos”. E no uso da Genealogia, o cartógrafo “não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas (...) deduzirá da contingência que

nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos.” FOUCAULT: 2000).

Mas o cartógrafo expande o seu trabalho além da crítica daquilo que foi produzido como resultado dos processos de subjetivação em meio à cultura. Ele vai além da compreensão dos limites históricos colocados sobre cada sujeito para investigar as marcas daquilo que rompe com o estabelecido. Isto significa que o cartógrafo articula o trabalho da crítica sobre os limites históricos com uma atitude experimental, tudo isso a partir do apoio que obtém deste seu último aliado.

Assim nos orienta Foucault: “Quero dizer que esse trabalho realizado nos limites de nós mesmos deve, por um lado, abrir um domínio de pesquisas históricas e, por outro, colocar-se à prova da realidade e da atualidade, para simultaneamente apreender os pontos em que a mudança é possível e desejável e para determinar a forma precisa a dar a essa mudança. O que quer dizer que essa ontologia histórica de nós mesmo deve desviar-se de todos esses projetos que pretendem ser globais e radicais.” (FOUCAULT: 2000).

Neste exercício da cartografia, enquanto método de pesquisa, aprendemos com Foucault que “a experiência teórica e prática que fazemos de nossos limites e de sua ultrapassagem possível é sempre limitada, determinada e, portanto, a ser recomeçada.”

E aprendemos mais: “isso não quer dizer que qualquer trabalho só pode ser feito na desordem e na contingência. Esse trabalho tem sua generalidade, sua sistematização, sua homogeneidade e sua aposta.”

Enfim, utilizamos a cartografia como método de pesquisa para compreendermos os processos de subjetivação em meio à realização de processos educacionais que delimitamos neste nosso projeto.

Capítulo 1: **“A Ópera do Malandro de Chico Buarque ”**

A “Ópera do Malandro” é baseada na “Ópera dos Mendigos” (1728), de John Gay, e na “Ópera dos Três Vinténs”(1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill.

O espetáculo em forma de musical, estreou no Rio de Janeiro, em 1978 e fora recriado em São Paulo, em outubro de 1979, sempre sob a direção de Luiz Antônio Martinez Correa.

Estamos no Rio de Janeiro dos anos 40. O comerciante Fernandes de Duran e sua mulher, Vitória Régia, exploram uma cadeia de bordéis da Lapa, empregando centenas de mulheres das mais distintas origens. Eram nordestinas; acompanhadas com milhares outros nordestinos que começavam a migrar para o sudeste para a construção de grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e, posteriormente Brasília; negras; sob preconceito de uma sociedade recém ex-escravista, até então; além de algumas outras mulheres, ex-presas políticas que, acusadas de comunismo, não conseguiam qualquer outro emprego na capital do país, na época.

O casal tem uma filha, Teresinha de Jesus, que é criada e envernizada com todos os requisitos para arranjar um casamento vantajoso. Dota de educação inglesa e tem conhecimentos sobre finanças e administração, sendo assim, aproveitando-se das influências, luxo e fortuna do pai, está à procura de um marido, um homem que mantenha suas regalias e que seja de interesse para o capital da família.

O chefe de polícia, inspetor Chaves, controla a moral e os bons costumes da cidade e, por coincidência, aceita presentes e gratificações de Duran. Chaves também têm uma filha; Lúcia, que mantém uma intensa relação de amor com o contrabandista e amigo desde criança de seu pai, Max Overseas, o malandro que chefia uma quadrilha, agindo pelas ruas da cidade, sem maiores embaraços nos mais diversos ramos de comércio ilegal, porém legitimados por “acordos/extorsão/amizade” com o inspetor.

Max vive dando prejuízos a Duran, até que em uma simples conversa de Geni, um dos capangas de Max, travesti e vendedor de perfumaria, com sua esposa em que comentavam sobre a noite anterior em que o malandro

havia se esbaldado em uma de suas casas noturnas da Lapa em celebração ao que, segundo Geni, tratava-se de uma despedida de solteiro de seu patrão. E, para surpresa do casal, o rapaz notifica a graça da noiva em alto em bom: “(...) – Teresinha Fernandes de Duran! Não seria esse seu sobrenome?! (...)”.

O casamento acontece no covil de Max com seus capangas e conta até com a presença de Chaves como padrinho. A noiva acredita que o marido é quem de fato não é e Max acredita apenas que está pagando uma dívida ao inspetor, já que Chaves também deve à Duran, e dessa forma ficaria tudo acordado, tudo “em família”.

A notícia do casamento se espalha por toda cidade, Duran deseja agora matar Max por sujar a honra de seu nome, uma vez que acredita ser um cidadão honesto e trabalhador. E como pagamento de dívida cobra do Inspetor a tarefa de assassinar o malandro e ainda ameaça Chaves com uma passeata organizada com suas prostitutas analfabetas que, mesmo amando Max, carregariam placas pelas ruas explicitando frases que denunciavam os crimes de Chaves e Max como contrabando, extorsão, dentre outros.

Max tenta recorrer a Lúcia para pedir ao seu pai para que o poupe, mas a agora gestante e traída mulher não se dedica como antes à sua antiga paixão, uma vez que sempre sonhara em constituir família e uma vida como as outras mulheres, ao passo que Teresinha, também surpreendida com toda a “descoberta” sobre seu marido, só se interessa agora em ficar com todo o império de seu futuro falecido marido.

Geni, em troca de alguns trocados de Duran, delata Max e seu esconderijo. Pouco tempo depois, Max encontra-se frente a frente com seu amigo e inspetor Chaves na cadeia; e na oposição dos sentimentos, do amor e do ódio, das relações de interesse e amizade, Chaves termina outro “trabalho sujo” e assim a malandragem perde o precursor e intitulado, porém não único, pra sempre em território nacional, malandro.

Max é assassinado em prol da “redenção” de alguns, o lucro se sobressai a tudo que antes o malandro fizera e fora condenado a fazer, ou seja, não resta dúvida de que Chico Buarque tem a sensibilidade e sutileza de inserir no enredo a idéia de que todos na história, de certa forma são malandros; mas, partindo de um corpo, o corpo do malandro, de “Max

Overseas”, sob olhares que se voltam para as relações de tensão entre o poder, a vida e a política; o poder da política e, a política do poder; levando em conta as marcas, as margens e a marginalidade, os antecedentes que geraram um corpo transgressor, porém sobrevivente até os dias atuais em muitos brasileiros.



(Elenco Cia. Êxciton)

Capítulo 2:

A Cultura da Malandragem

Para se analisar as influências ou até mesmo os antecedentes para a “criação” da chamada cultura da malandragem, esta em tom de reação, ou sobrevivência, deve-se fazer um retrocesso até meados do século XVIII, quando a família real de Portugal, sob pressão dos franceses de Napoleão, desembarca na nova capital da Vice-Reino em 1763, a cidade do Rio de Janeiro.

Porém, antes da tal instalação da corte, a cidade fora obrigada a sofrer algumas mudanças de ordens estruturais. Os reais lusitanos se apossam da área central e com, toda a população do lugar teve de ser escoada para as margens da cidade, esta que geograficamente chegava aos morros ainda virgens, sem água encanada, luz ou casas de alvenaria em grandes quantidades, mas muitos barracos e cortiços.

A população se via jogada às traças; um de ambos concorrentes venceria. Desta maneira, além de dogmatizado e católico ortodoxo estava sem emprego, com fome, analfabeto, sem esgoto e sob preconceito, uma vez que se tratava ainda de uma sociedade escravista e monárquica.

Enquanto isso, os morros sumiam, as favelas tomavam conta do espaço físico e dilatavam cada vez mais as margens as quais estavam inseridas e, de fato, duas sociedades começam a emergir.

A distância entre o morro e os palácios não se resumia apenas à geografia, e dessa forma os processos políticos que se sucediam em cenário nacional, como por exemplo, a própria independência do Brasil em 1822, grandioso fato que, à princípio não alterou a realidade dessa massa sem qualquer assistência; uma vez que a própria independência fora concedida e não conquistada, ou seja, proclamada pela própria corte e não nascida de revolução popular, mas de acordos internacionais com a Inglaterra, grande de potência mundial da época, país o qual era agora era o agiota do Brasil, recém-nascido e com uma dívida externa enorme, herdada da agora falida família real portuguesa.

Apesar da abolição em 1888, os agora livres não foram reincluídos no mercado de trabalho, situação que se agravou ainda mais no século seguinte

com as guerras e a chegada de imigrantes para embranquecer a massa trabalhadora.

Um grande grupo de pessoas sem mínimas condições básicas de saúde; tema de grande peso político na época (como com a “Revolta da Vacina” de Oswaldo Cruz em 1904) e cada vez mais o “morro”, já substantivo não apenas comum sintaticamente, mas próprio; se fortalecia enquanto sociedade paralela.

Já com praticamente dois séculos se articulando, essa nova sociedade dotava então de suas próprias leis e códigos de conduta; de um próprio comércio, mercado, além de outros elementos trazidos pela cultura negra; a capoeira, o samba e seus instrumentos e até religiões africanas e afro-brasileiras.

A capoeira presente desde que era disfarçada em forma de dança pelos escravos que, agora livres, aumentavam a eficiência dos golpes rasteiros ou não com navalhas escondidas sob sapato preto e branco lustrosos, acompanhado por um terno branco, camisa vermelha e chapéu panamá, lembrando a divindade de Zé Pilintra; altamente treinado a sobreviver e a se adaptar a diferentes realidades, à ditadura fascista de Vargas que, apesar disso, apoiou os “Yankees” na 2ª Guerra Mundial em troca do financiamento da independência em petróleo e aço, com a construção da siderúrgica de Volta Redonda no estado carioca.

Com essa aliança, os portos da “cidade maravilhosa” não receberam então, apenas mercadorias. Mas, com elas todo o glamour da recente potência mundial americana, o “made in USA”, o náilon, o dólar, enfim, o recém comprado “american way of life” chegam para incrementar e expandir o universo de Max, o malandro do morro.

Capítulo 3:

O corpo do Malandro

Partindo da prerrogativa de que Max é um sujeito que dota de uma educação alternativa, devemos pensar no termo “educação” sob dois olhares distintos, porém essenciais para um bom entendimento do surgimento da Malandragem enquanto estratégia de sobrevivência.

Alguém educado pode ser assim chamado por ter certa “*finesse*”, ou etiqueta, isso é claro quando nos remetemos à linguagem (vocabulário americanizado), vestimenta alinhada, postura corporal e até vícios que Max usa quando abusa do quesito estético-visual.



(Max Overseas)

Contudo alguém educado, lembrando que a fase de maior absorção de conteúdos das mais gerais formas de conhecimento é a fase infante, pode ser alguém acostumado a tentativa e erro, porém de uma forma que passa por um processo atrelado à escola, esta, que apesar de laica pode assumir e assume, várias tendências.

Max passa também pela tentativa e erro em suas aprendizagens, todavia sob outra instância; a do intempestivo. Não acadêmico, ou servil, mas a princípio proveniente de uma relação inevitável com o devir, acaso.

Nos bares, becos e mesas de bilhar a educação alternativa de Sebastião Pinto ainda infante se faz presente. O acaso, o não saber do que estará por vir, o lança na constante vida incerta.

Impotente e sem falta de opção, quando se reconhece lúcido frente a sua condição, por uma primeira vez que faz uso do devir a seu favor e degusta do, também primeiro sucesso, passa a se apaixonar pelo acaso, depois disso desenvolve na prática a habilidade rara de usar o intempestivo a seu favor. Nessa estratégia de sobrevivência, Max percebe também que é necessário uma família, capangas, uma casa, um covil, esconderijos, amigos, e tudo isso de uma forma social mecânica como aquela proposta através da solidarização de Durkheim que o coloca em condições de fazer líder.

Ideológico ou não, sua liderança se faz possível quando é um corpo livre, porém altamente treinado a sobreviver perante a Lei, esta que se personifica em Chavez, o mesmo que detém de uma amizade antiga, de infância e mediada por experiências de meninos do Rio de Janeiro da época divididas entre os dois velhos amigos como mostra a música de Moreira da Silva e Chico Buarque, “Doze anos”:

”Ai, que saudades que eu tenho

Dos meus doze anos

Que saudade ingrata

Dar bandas por aí

Fazendo grandes planos

E chutando lata

Trocando figurinha

Matando passarinho

Colecionando minhoca

Jogando muito botão

Rodopiando pião

Fazendo troca-troca

Ai, que saudades que eu tenho

Duma travessura

Um futebol de rua

Sair pulando muro

Olhando fechadura

E vendo mulher nua

Comendo fruta no pé
 Chupando picolé
 Pé-de-moleque, paçoca
 E disputando troféu
 Guerra de pipa no céu
 Concurso de.. pipoca!"

A relação com a lei é baseada em um código de conduta tênue entre justiça e acordos que fazem de Max o: "... - homem de maiores contatos do Rio de Janeiro..."(Teresinha), enfim, o "barão da ralé", definindo em seu espaço, entre sua família de capangas o seu próprio sistema hierárquico.

"... - Se você nunca teve mãe, eu não posso falar da sua!" nessa frase da letra de Chico Buarque de Holanda, "*Desafio do malandro*", o autor a obra e música deixam claro o fato de Max não possuir a presença materna em sua formação, sendo assim, com o tabu do *Édipo* ou qualquer outro fenômeno natural da relação mãe e filho ausente, Max preza pela valorização de TUDO que é feminino e veja só, não necessariamente feminina-mulher, como por exemplo, a Geni que além de ter uma estratégia de sobrevivência parecida com Max (homem que ama e odeia), permanece muito mais tempo pelo fetichismo ou estético-bizarro em que faz de seu corpo um "outdoor".

Não sendo fruto da evolução comum masculina enquanto seus papéis durante a transformação menino-homem, Overseas não é jovem como os demais, não olha para o casamento e nem mesmo para o amor como os demais fazem, Max não pretende reproduzir Édipo e Elektra educando convencionalmente seus possíveis filhos; não, mas desenvolve um olhar diferente sobre as relações entre os corpos, levando em conta o prazer. Não necessariamente ligado ao sexo (gênero), o prazer é uma arma que o Malandro lança seus olhos quando faz uma diferente leitura do outro, das relações entre o "eu" e o "outro".

Mas ao se parar pra pensar, como se captura algo tão inteligente, dotado de cérebro e nervos? Imagino que para tal feito deva-se conhecer o refém. Ser radical talvez. Radical enquanto sentido etimológico do termo "rad", referente a raiz, a essência, a vida.

No corpo, a manifestação da vida se faz no movimento; este que por sua vez também entra para o cativo.

Nosso melhor e maior órgão sexual é o cérebro. É a porta para a seleção de entrada ou saída de estímulos é onde se misturam o primitivo e o social moderno, o animal e o intelecto, o cheiro e a regra.

Sendo uma porta, poderíamos dizer que as chaves seriam os genitais. Mas que coincidência, “os genitais sempre foram um tabu”. Os dogmas religiosos do sexo sempre conservaram escondidas as chaves do cativo sob o peso do pecado da carne condenação eterna no além.

Quando os desejos se relacionam, os corpos, as portas fechadas se abrem umas para as outras, ocorre uma troca enorme de experiências, angústias, medos e tudo é tão bem relacionado que, por um instante a vida no corpo se faz plena, o corpo então se sente livre e de repente tudo que é mal vai embora.

Max passa por enormes corredores de portas. Em seu corpo a vida não é presa, pelo contrário se espalha por todas as portas que se abrem, dedica uma parte de seu tempo a visitar outros corpos. Ele tem o poder infalível de manipular as pessoas a medida que se relaciona com elas, estando em uma outra dimensão do entendimento do desejo; quero dizer, Max não sofre a influência do Poder ao se aproximar de outro corpo, pelo contrário, sua fala, seu corpo, sua dança, seu samba passa a se mostrar acima de qualquer coisa e dessa forma, ele consegue deter o poder e conquistar o que quer utilizando todos seus artifícios para tal. Malandro!

O desejo que Max provoca nas pessoas passa pela conotação sexual, os homens se comparam, o reprimem, o extorquem, ou pelo menos acham que extorquem e as mulheres o amam, sabem que se deita com tudo e com todos, mas, ao mesmo tempo, é “... tão carinhoso e metódico com todas elas...” (Geni).

Dessa forma, também a visão de trabalho para o Malandro, se direciona para aquilo que é de fácil acesso, boa rentabilidade, aparentemente bom para ele e a clientela. Conhecedor de egos como é, as cartas, apostas, o contrabando de álcool, eletroeletrônicos e tabaco, a extorsão, a prostituição e o lazer são apenas um samba sem ensaio, ao passo que sambista como ninguém, samba-se de qualquer jeito.

A “Concepção Naturalizada de Corpo”, as práticas corporais, os diversos conceitos de saúde, as ciências naturais, culminaram em um

conceito um tanto limitado sobre o corpo, dividindo-o entre o natural e o artificial. Tal concepção implicou também na construção social do gênero, nas diferenciações entre homens e mulheres e seus respectivos papéis na sociedade. Dessa forma, a verdade sobre o corpo é imposta da forma que é entendido como natural àquilo que é necessário, invariante, inato e essencial. E artificial o que é contingente, variante, adquirido ou construído.

Dota da verdade aquele que detém do poder, sendo assim a suposta verdade é exercida e gerenciada pela política, o que “Foucault” chama de “Política da Verdade”.

Sendo assim, qualquer ideologia (já inventada ou não), munida de verdades e, com isso, poderes; exerce controle sobre o corpo, a vida, é o “Biopoder” que, segundo Foucault, não atua sozinho. Associada ao “Biopoder”, ou até mesmo servindo como meio, está a política, que se estende aos corpos em forma de leis, cívicas e/ou religiosas, atando-os ao regime em vigor; a “Biopolítica”.

Nos processos de subjetivação, poder e política atuam como mecanismos de captura da vida, ou seja, dessa maneira, o corpo é plenamente manipulado, suas funções somáticas, estado de consciência, humor dentre outros, fogem cada vez mais do tão venerado “corpo natural”.

Max foge da “Concepção Naturalizada de Corpo” uma vez que não faz diferença, aliás, não trata com diferença o natural e o artificial, mas pelo contrário; faz constante uso, às vezes em demasia, do artificial. Isso se dá pelo fato de que a malandragem, nascida do intempestivo, não necessariamente passa pelo natural ou aquilo que a sociedade chama de natural, ou seja, para o malandro, o corpo não necessita estar ligado à sua origem, ao inato, uma vez que algo original se faz autêntico e por isso se torna imutável, inflexível, fácil de ser carregado, ou coagido.

Dessa maneira as relações interpessoais como amizade e amor do malandro atingem o que poderia ser chamado de diferentes níveis de artificialidade. Max ama e é amado por todas as prostitutas da Lapa, estas, que regidas por Vitória Régia compreendem o amor de modo que:

Pra se viver do amor
Há que esquecer o amor
Há que se amar

Sem amar
Sem prazer
E com despertador
- como um funcionário

Há que penar no amor
Pra se ganhar no amor
Há que apanhar
E sangrar
E suar
Como um trabalhador

Ai, o amor
Jamais foi um sonho
O amor, eu bem sei
Já provei
E é um veneno medonho

É por isso que se há de entender
Que o amor não é um ócio
E compreender
Que o amor não é um vício
O amor é sacrifício
O amor é sacerdócio
Amar
É iluminar a dor
- como um missionário

(Viver do amor- Chico Buarque)

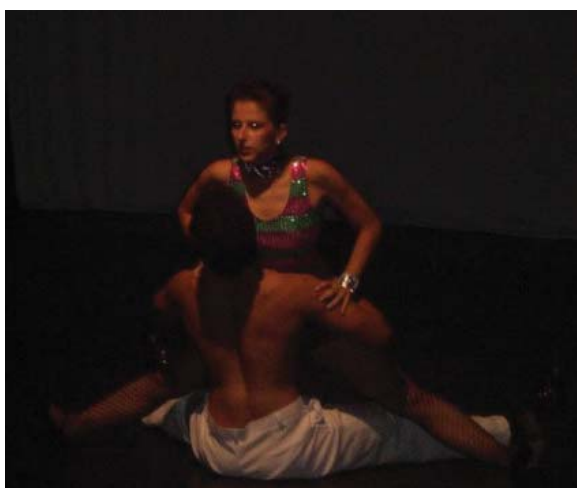
Casa-se com Teresinha, além de amar Lúcia, quem até lhe renderia um filho, este que seria neto de Chaves, inspetor de polícia, personificação da lei e amigo desde infância do malandro. Sem falar em Genival, a “artificial” Geni que ama e odeia Max com todas suas forças.



(Max e Teresinha em foco e Lúcia ao fundo)



(Max e Chaves)



(Max e Geni)



(Max e as prostitutas de Duran)

Todos eles, o Malandro, as prostitutas, o homossexual Genival e o policial corrupto Chaves, transitam nas margens da sociedade. Chaves se faz

“menos marginal” uma vez que detém do protecionismo de seu cargo público, mas de resto, todos são, de fato, marginais aos olhos da sociedade; o que para Max é visto como algo apenas que legitima seu estilo de vida, livrando-o das responsabilidades como as daqueles que vivem na alta sociedade, cheios de impostos a pagar.

Conclusões e Discussões

Antes de pertencer a Cia Éxciton, competia profissionalmente pela Seleção Brasileira de Kung-fu/Wushu, por isso mantinha uma rotina de treinamento de seis horas diárias, sendo que duas dessas horas de treino eram destinadas à prática do Ballet, com exercícios específicos que visavam a melhora do alongamento, flexibilidade e agilidade dos membros inferiores, sendo assim, minha relação com a dança, até então tinha uma conotação diferente, ou seja, não era simplesmente espontânea, mas pelo contrário, dançávamos com objetivos de melhorar nossas performances durante as competições, estando longe de qualquer conceito artístico, contato com palco ou platéia.

Por curiosidade, ao entrar na UNESP prestei a audição para novos integrantes e para minha própria surpresa, passei. Depois disso, com o passar do tempo e o conhecimento de outros estilos como Jazz, Sapateado, Street Dance, Contemporâneo, dentre outros, a dança passou a ser reconhecida como parte integrante de meu corpo; assim como um rufar de tambor semelhante a sístole e diástole do órgão que circula a vida quente por dentro nossas vísceras, agora então, depois de um ano de dança “dança”, e não dança “treino”, o samba fora fácil de ser extravasado, porém uma parte da personalidade de Max ainda se fazia difícil de ser incorporada; a do boêmio, do acostumado com a noite, as cartas, as mesas de bilhar e as mulheres. Difícil de imaginar que eu, regrado desde os dez anos a uma disciplina oriental e de alto nível competitivo, me entregaria ao intempestivo, ao visceral e não racional, ao desejo de sentir a vida em perspectivas efêmeras, mesmo que por quinze minutos, ou até criar seguintes casos enquanto se segue no acaso, sobreviver no devir, naquilo que não é passível de programação e até fugia dos dogmas, talvez de todos que conhecia até então.

Porém, depois de inúmeras vezes chamado de Max ou confundido talvez em algumas muitas circunstâncias, percebi que, apesar de saber quem era, talvez as pessoas com quem convivia na vida universitária, pessoas essas que passavam mais tempo comigo que quaisquer outras, passaram a não conhecer ou reconhecer o Sérgio; o que associado à algumas outras

experiências me levaram a me desapegar do “espírito” de Max, ou até mesmo, quem sabe, Zé Pelintra resolveu se acalmar, ou ficar observando mais de longe.

Mas, a malandragem atualmente se encontra difundida por todos os cantos, aliás, ela não se limita a qualquer canto.

“(…)Agora já não é normal, o que dá de malandro
Regular profissional, malandro com o aparato de malandro oficial
Malandro candidato a malandro federal
Malandro com retrato na coluna social
Malandro com contrato, com gravata e capital, que nunca se dá mal
Mas o malandro para valer, não espalha
Aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal
Dizem as más línguas que ele até trabalha
Mora lá longe chacoalha, no trem da central.”

(Homenagem ao Malandro- Moreira da Silva)

E dentro do estudo proposto, das investigações envolvendo o corpo e o intempestivo, o sobreviver em contrapartida do “simples viver”, e isso, partindo do olhar sensível da arte, teatro, música e dança, encaixados entre si em um espetáculo e, depois de viver por um ano e meio esse espetáculo como seu protagonista até fora dos palcos, concluímos que a malandragem se trata da constante reinvenção do corpo perante as fronteiras sociais, às margens exclusivas alicerçadas pelo poder e mecanismos de captura da vida e a capacidade e se esquivar ou se defender de um sistema opressor, conviver, sentir na pele, as influências da Biopolítica e do Biopoder, a princípio impotente, mas, munido de inteligência, samba, instinto de sobrevivência e ousadia, conseguir usar do próprio corpo para se libertar desse enclausuro, criando uma alternativa para sobreviver, uma cultura organizada na desordem, uma cultura malandra e que Max fora apenas um malandro vítima de outros malandros.



(Max na prisão)

Morto, mas difundido na inspiração e comportamento de muitos corpos brasileiros de distintas classes sociais.

“O malandro/Tá na greta
Na sargeta/Do país
E quem passa/Acha graça
Na desgraça/Do infeliz

O malandro/Tá de coma
Hematoma/No nariz
E rasgando/Sua banda
Um funda/Cicatriz

O seu rosto/Tem mais mosca
Que a birosca/Do Mané
O malandro/É um presunto
De pé junto/E com chulé

O coitado/Foi encontrado
Mais furado/Que Jesus
E do estranho/Abdômen
Desse homem/Jorra pus

O seu peito/Putrefeito
Tá com jeito/De pirão
O seu sangue/Forma lagos
E os seus bagos/Estão no chão

O cadáver/Do indigente
É evidente/Que morreu
E no entanto/Ele se move
Como prova/O Galileu”

(O malandro no. 2- Chico Buarque)

Bibliografia

- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARCELOS, Tânia Maia. **Com que roupa eu vou pro samba**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC – SP, 1999.
- BARCELOS, Tânia Maia. **Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC – SP, 2006.
- BARTENIEFF, Irmgard/Lewis, Dori. **Body Movement** (copping with Environment) Gordin and Breach Science Publishers, Londres 1980.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BIRMAN, J. **Mal-Estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.
- BROOK, Matluck Lynn. “Harmony in Space: A Perspective on the Work of Rudolf Laban”. In The Journal of Aesthetic Education, vol. 27, nº 2, Board of Trustees of the University of Illinois, USA 1993.
- BUARQUE, Chico. **Ópera do malandro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- CERTEAU, Michael. **A cultura no plural**. Campinas: Editora Papirus.
- COHEN, Bainbridge Bonnie. **Sensing, Feeling and Action. The Experimental Anatomy of Body-Mind Centering**. The collected articles of Contac Quarterly Dance Journal, USA 1980-1992.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Editor, 1978.
- DELEUZE, G. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34: 1992.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1995) **Mil Platôs**. v.1. e v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- DEPRAZ, N., VARELA, F. e VERMERSCH, P. (2003) **On becoming aware. a pragmatic of experiencing**. Philadelphia-Amsterdam: Benjamin Publishing.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FOUCAULT, Michel. “O que são as luzes”. In: **FOUCAULT, Michel. Arqueologia da Ciência e História dos Sistemas de Pensamento**. Págs.: 335 – 351. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. (1914) Sobre o Narcisismo. In: **Obras Completas**. V. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920) “Além do princípio do prazer”. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. V. 2. (Tradução de Luiz Alberto Hanns) Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1930 [1929]) O Mal-Estar na Civilização. In: **Obras Completas**. V. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GADET, Fraçoise e HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora Pontes, 1990.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1980.
- GIL, José. **Movimento total. O corpo e a dança**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Anablume, 2005.
- GRUPO KRISIS. **Manifesto contra o trabalho**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- HACKNEY, Peggy, CMA. **Moving Wisdom: The role of the body in learning**. In Context nº 13, Winter USA 1988.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papirus, 1998.
- HUSSERL, Edmund. **La philosophie comme science rigoureuse**. PUF, 1989.
- KASTRUP, V. (2004) A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia & Sociedade*, v.16, n.3, pp.7-16.
- KASTRUP, V. (2005) Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação e Sociedade* v. 26, n. 93, set./dez, pp.1273-1288.
- KASTRUP, V. Cartografias liberais. In: KASTRUP, Virgínia. TEDESCO, Sílvia, PASSOS, Eduardo. **Políticas de cognição**. Porto Alegre: Sulina, p. 267-295, 2008.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas: Papirus, 1999.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LATOUR, Bruno. "How to talk about the body? The normative dimension of science studies". Special issue edited by Madeleine Akrich and Marc Berg, 'Bodies on Trial' Marc Berg and Madeleine Akrich, special issue of **Body and Society Vol . 10, number 2/3 pp. 205-229 (2004)**.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LECHNER, N. **Los patios interiores de la democracia: subjetividad y política**. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1990.

LEWKOWICZ, I. CANTARALLI, M. Grupo Doce. **Del fragmento a la situación**. Buenos Aires: Altamira, 2003.

LINS, Daniel (Org.). **Razão nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

LINS, Daniel e GIL, José. (Org.). **Nietzsche/Deleuze: jogo e música**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

LINS, Daniel. (Org.). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAIGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. **O trabalho de Dioniso: para uma crítica ao Estado pós-moderno**. Juiz de Fora: Editora da UFJF – PAZULIN, 2004.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEGRI, Antonio. **O poder constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NEGRI, Toni. **Exílio, seguido de valor e afeto**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo. Como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NOVACK J. Cynthia. **Sharing the Dance, Contact Improvisation and American Culture**. The University of Wisconsin Press, USA 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas, Editora Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora UNICAMP, 1988.

PELBART, Peter. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PRESTON-DUNLOP, Valery. **A Handbook for Dance in Education**. Longman Group Limited, UK 1980.

ROLNIK, Suely, "Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico." In Cadernos de Subjetividade. S. Paulo. V. 1 n. 2, set./fev.1993. Págs.: 241 – 251.

ROLNIK, Suely, **Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora Sulina / UFRGS Editora, 2006.

ROLNIK, Suely,. "À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia". In MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SERRES, Michel. **Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo: conversas com Bruno Latour**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu. A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [Tradução e notas de Tomaz Tadeu]. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VERMERSCH, P. (2002a) La prise en compte de la dynamique attentionnelle: éléments théoriques. **Expliciter**, 43, pp.27-39.

VERMERSCH, P. (2002b) L'attention entre phénoménologie et sciences expérimentales: éléments de rapprochement. **Expliciter**, 44, pp.14-43.

VIRNO, Paolo. **Virtuosismo e revolução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2008.

Sérgio Carneiro Júnior
Orientando

Prof. Dr. Romualdo Dias
Orientador